

Ensino de Música na Alcanorte: Aulas de Canto para uma comunidade abandonada pelas políticas públicas

Comunicação

Brena Maria da Rocha Silva
UERN/SEEC/RN
brena20210000404@alu.uern.br

Giann Mendes Ribeiro
UERN/IFRN
giannribeiro@gmail.com

Resumo: Este trabalho é o relato da experiência do Estágio I do curso de licenciatura em música na modalidade a distância da UERN, realizado em uma capela pertencente à igreja católica, situada numa vila industrial. A comunidade não recebe políticas públicas por pertencer a uma empresa privada que possui uma escola de ensino infantil e ensino fundamental I por mais de trinta anos, mas que foi fechada como primeira ação da gestão municipal atual. A proposta de intervenção de ensino musical teve o objetivo principal de contribuir com as práticas musicais dos frequentadores da capela dos 7 aos 72 anos de idade. Por não haver instrumentos musicais na capela, as aulas de música contemplaram o canto, à *capella*, com o acompanhamento de palmas, e com o acompanhamento de um violão, pois em eventos especiais a capela recebe a visita e acompanhamento de instrumentista. O ensino foi estruturado em técnicas vocais, ritmo e o uso do corpo na música com o repertório tradicional da igreja, por meio do aporte teórico de Estienne (2004), Ciavatta (2016), Meurer; Figueiredo (2022), além de Freire (1987) que desenvolveu uma pedagogia de ensino voltada para a classe oprimida.

Palavras-chave: Educação a distância, Aulas de Canto, Estágio.

Abstract: This work is the internship report of the Bachelor in Music Education degree on distance education at UERN, carried out in a chapel belonging to the Catholic church located in an industrial village. The community does not receive public policies because it belongs to a private company, which has had a kindergarten and primary school for more than thirty years, but was closed as the first action of the current municipal management. The music teaching intervention had the main objective of contributing to the musical practices of chapel goers from 7 to 72 years old. Because there are no musical instruments in the chapel, the music classes focused on singing, a *capella*, with the accompaniment of clapping hands, and with the accompaniment of a guitar, because in special events the chapel receives an instrumentalist visit and accompaniment. Teaching was structured through the use of body in music, vocal techniques and rhythm with the traditional repertoire of the church, through the theoretical contribution of Estienne (2004), Ciavatta (2016), Meurer; Figueiredo (2022), as well as Freire (1987) who developed a pedagogy aimed to the oppressed class.

Keywords: Distance education, singing lessons, Internship.

Introdução

As práticas de estágio são partes constituintes do processo de estudo do professor para a docência. Esta experiência de estágio desenvolveu aulas de canto visando o ensino de música para alunos iniciantes na educação musical, que se encontram toda semana para a reza do terço, entre outros encontros da igreja, e que sempre praticam o canto dentre os ritos da religião católica. O projeto contemplou um público composto por crianças, em sua maioria, mas também recebeu adultos e idosos que cantam na igreja para que, nessa oportunidade, tenham acesso ao ensino musical.

Em anos anteriores, a Capela de São José Operário, na Alcanorte - Macau/RN, contava com a participação de um membro da igreja com habilidades musicais, que fazia o acompanhamento instrumental (violão) das práticas musicais da capela e, ainda que informalmente, orientava a condução musical dos participantes que se dispunham a estar à frente cantando ou tocando um instrumento. Hoje, sem esse suporte, a igreja abre suas portas para que possamos fazer uma intervenção didático-musical para os frequentadores da capela interessados.

O foco das aulas do estágio foi o desenvolvimento do canto que, na maioria das vezes, não conta com o apoio de instrumentos musicais. Nesta capela, é comum o canto acompanhado de palmas e o canto à *capella*. Por isso também a importância de destinar um espaço nas aulas para o estudo rítmico. É bom que cantores saibam cantar acompanhados de instrumentos musicais, assim como, é importante que saibam cantar sem a orientação deles, considerando que em ambas as situações algum ritmo está presente. Todas as aulas do estágio compreenderam aspectos teóricos e práticos, de modo adaptado à diversidade do público, com exercícios práticos técnicos e lúdicos focados no canto, no ritmo, e na percepção musical corporal, seguidos de práticas musicais cotidianas, porém agora mais conscientes.

O curso não se destinou a uma faixa etária exclusiva pois para que a intervenção atingisse seus objetivos reais, as aulas se destinaram a deixar alguma contribuição significativa nas práticas de canto na capela por seus frequentadores de idades diversas. O público foi o

que comumente realiza liturgias e cânticos nas celebrações. Assim como as práticas de ensino, em geral, lidam com indivíduos em diferentes níveis de aprendizagem, e o professor deve tentar induzir todos à evolução, o professor de música no contexto de faixa etária diversa também deve significar as aulas de modos que abarque todos os envolvidos, de algum modo.

Já consta em leis, desde 2008, que estudantes do ensino básico têm direito ao ensino musical nas escolas, mas na prática o ensino formal de música dificilmente alcança os estudantes. Não obstante, as crianças da comunidade Alcanorte, em Macau - RN, estão tendo o acesso à educação dificultado, pois por mais de três décadas a escola da comunidade ofertou educação formal nos níveis de ensino infantil e fundamental I, mas teve suas portas fechadas pela atual gestão municipal desde 2021. Isso aconteceu com mais 5 escolas de comunidades vizinhas.

Uma proposta de intervenção músico pedagógica, ainda que num ambiente de ensino não formal, preenche parte da lacuna deixada pelo estado na formação de muitos indivíduos. As igrejas naturalmente são espaços não formais ou informais de aprendizagem musical. O estágio da licenciatura em música EaD do curso da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte contribui para que a educação musical alcance esta e outras comunidades negligenciadas pelo poder público.

O Contexto de Ensino

A Capela de São José Operário localiza-se na cidade de Macau - RN, na comunidade Vila Industrial da Alcanorte, Quadra D 56. A comunidade é privada, pertencente à empresa Alcanorte (Álcalis do Rio Grande do Norte S/A), que no ano passado teve duas quadras (D e E) desapropriadas pelo governo estadual, ou seja, os moradores de casas populares foram contemplados com a posse delas, que já moram há várias décadas e a capela encontra-se nesse território. Existente há aproximadamente três décadas, a capela no passado era uma destas casas. Com o tempo, a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, de Macau, teve autorização para reformá-la e tornar sua aparência a de uma igreja. É possível ver características da antiga casa, a parte referente à casa paroquial, porque a reforma da igreja ainda não foi totalmente concluída.

Nosso local de estágio foi, inclusive, “palco” para a notícia sobre o fechamento da

escola da comunidade, que já havia tido suas chaves entregues ao responsável pelos imóveis da Alcanorte desde janeiro de 2021. Em fevereiro, o secretário de educação se reuniu com mães, pais e responsáveis das crianças da comunidade que estudavam na Escola Municipal Vereador Zé Filho, para informar (não dialogar) que a escola estava passando por um processo de reordenamento que resultou no fechamento de seis escolas de áreas rurais de Macau. O fechamento dessas escolas do modo autoritário que foi, sem consenso com a comunidade escolar, foi ilegal porque vai de encontro à lei 12.960 de 2014 que altera a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) nº 9.394 de 1996, e discrimina em seu “Art. 28. Parágrafo único. O fechamento de escolas do campo, indígenas e quilombolas será precedido de manifestação do órgão normativo do respectivo sistema de ensino, que considerará a justificativa apresentada pela Secretaria de Educação, a análise do diagnóstico do impacto da ação e a manifestação da comunidade escolar”.

A maior parte das seis escolas fechadas em Macau tinham prédios próprios, que hoje estão em desuso pelos moradores das comunidades. O prédio da escola da Vila pertencia à empresa Alcanorte, mas seu fechamento é, igualmente, um grande retrocesso para a comunidade que contou com o acesso à educação próxima de casa por mais de trinta anos. Hoje, as crianças, estudantes do ensino infantil e fundamental I, precisam se deslocar para outras comunidades para ter acesso ao ensino formal, em um ônibus oferecido pela prefeitura. O transporte geralmente está em situação irregular então, quando há fiscalização rodoviária ou quando quebra, os alunos, e seus pais ou responsáveis, têm que decidir entre ir à escola a pé ou ficar em casa e perder o dia(s) de aula.

O Plano Diretor da cidade (MACAU (RN), 2011) é uma lei que garante a urbanização sucessiva das áreas da cidade, mapeadas como rurais (campo), urbanas, ou de expansão urbana e a Vila da Alcanorte se localiza na última. Essa nomenclatura de “área de expansão urbana” foi a brecha que a secretaria de educação utilizou para chamar estas áreas de “urbanas” e, assim, ter aporte legal para fechar esta e as demais escolas. No entanto, se em algum contexto dialogal as áreas em questão devem ser compreendidas como áreas rurais ou urbanas, eliminando o terceiro termo, o parecer do arquiteto urbanista Francisco Iglesias explica que pela densidade populacional e demais características, as comunidades estão em áreas rurais, por ainda não ter havido ações de urbanização. Sendo assim, as áreas de

expansão urbana, para se tornarem urbanas, deveriam ter prioridade em receber equipamentos públicos ao invés de perder o que muitas vezes é o único: a escola.

Observação

Na mesma rua da escola (fechada) encontra-se a capela da Alcanorte que, normalmente, não oferece ensino. No entanto, há algumas mulheres com funções de catequizar as crianças, promover encontros do terço e outras celebrações, novenas, missas, fazer leituras, cantar, limpar, ornamentar e organizar as finanças da igreja.

As missas ocorrem quinzenalmente, aos sábados, e em dias excepcionais de acordo com os calendários local e mundial da igreja católica. Os encontros diários ou semanais ocorrem dependendo da campanha da fraternidade, meses de maior religiosidade e a festa local do padroeiro São José Operário. As crianças vão à igreja ao menos duas vezes por semana para a catequese e para o terço das crianças.

A catequista e organizadora do terço das crianças é a supervisora do estágio. Ela participa de todas as atividades da igreja. A maior parte dos alunos do curso de música são crianças. No entanto, há também a participação de outros adultos e idosos. O convite das aulas foi feito nas missas e grupos de whatsapp da Capela, para todos os frequentadores que quisessem participar.

Por ter morado a maior parte da minha vida nesta comunidade e ainda hoje ter aproximação por causa dos meus pais que ainda moram lá, já conhecia a maioria dos frequentadores da capela e, hoje em dia, raramente participo de alguma celebração. Antes de começar a regência do estágio, observei as práticas de canto em encontros rotineiros da comunidade: a missa e o terço das crianças. Conhecer as práticas musicais existentes neste grupo ajudou a planejar aulas direcionadas a contribuir com as práticas musicais que eles já realizavam.

A Experiência Docente

A fundamentação teórica que embasa as práticas de ensino descritas neste relato de experiência, é um compilado de referências que perpassam o curso de Licenciatura em Música



da UERN em diversas disciplinas e períodos, do começo do curso até o momento do estágio I (5º período). Revisitei, especialmente, as disciplinas “Canto e Técnica Vocal”, “Oficina de Música”, “Canto Coral”, “Metodologia do Ensino de Música”, “Introdução à Pesquisa em Música”, as próprias referências da disciplina “Estágio I” e alguns autores que embasam minhas práticas de ensino em geral, desde minha primeira licenciatura (em Letras - Inglês) durante nove anos de docência, até então.

Desde o início da formação docente, é importante significar as práticas de ensino com conhecimentos específicos da área de estudo e com premissas que abrangem a educação e o processo de ensino-aprendizagem de modo geral. É preciso ter em mente, por exemplo, que o professor (de qualquer área do conhecimento) deve fazer diagnósticos do nível de compreensão do estudante sobre o objeto de estudo, para que consiga atuar em sua zona de desenvolvimento proximal (Vygotsky, 1996), ou seja, relacionando a informação nova com conhecimentos prévios do aluno e, gradativamente, aumentando o nível de dificuldade do estudo, não distante, mas sempre próximo do nível de desenvolvimento real, o que o aluno já sabe.

É sabido também que toda prática de ensino pressupõe uma pedagogia que a baseie. No início da docência eu ainda não fazia ainda esse tipo de reflexão. No entanto, apesar de a universidade ser um dos espaços mais significativos da formação docente, não é o único. O embasamento teórico e experimentos práticos que desenvolvemos na universidade nos formam professores, assim como o próprio exercício da docência, o envolvimento com pesquisa científica, o engajamento sindical, a percepção social, entre outros. Tudo que perpassa a docência, nela causa interferência. Com isso, uma das reflexões mais relevantes à prática docente é o tipo de pedagogia que ela está alicerçada.

Estudos têm mostrado que o modelo educacional sempre foi conservador e continua se reproduzindo até hoje (Althusser, s/d; Bourdieu; Passeron, 1975 apud Luckesi, 2002). Ele é reproduzido conscientemente por aqueles que se privilegiam do modelo de ensino tradicional e conservador, mas essa reprodução também se perpetua quando o professor supõe ser um agente social neutro e não assume uma pedagogia específica, apenas reproduzindo os modos de ensino os quais ele já presenciou, sem uma profunda reflexão. Entretanto, Freire (2005) aponta para uma pedagogia melhor, por seu caráter humanitário, transformador e até mesmo

libertador de uma realidade desigual e opressora. Freire (2005) destaca a importância do professor se assumir no mundo, escolhendo conscientemente a pedagogia que se propõe a trabalhar, pois não cabe neutralidade na educação. Ele argumenta sobre não existir imparcialidade. Segundo o autor, todos são orientados por uma base ideológica que só pode ser inclusiva ou excludente. Neste sentido, em conjunto com a luta judicial das mães das crianças injustiçadas da Alcanorte, a proposta de intervenção do estágio teve o intuito de amenizar as injustiças sofridas por estas pessoas, trazendo um pouco do conhecimento negligenciado pelo poder público.

Uma experiência de ensino, seja ela formal ou não formal, requer planejamento acerca dos métodos a serem utilizados. Penna (2010) ressalta que num processo educativo verdadeiro é preciso saber **o que** e **como** ensinar. Essa prática aparentemente simples, resultante de um planejamento de aula(s), não pode ser confundida com transmissão de conteúdo. Essa “pedagogia” está ultrapassada. O fazer docente procura desenvolver as capacidades, competências e habilidades dos discentes. O professor é um agente importante nesse processo, mas não é mais importante ou alguém superior. Todos são portadores de saberes, ainda que sejam saberes diferentes. Contudo, professor e aluno estudam e aprendem simultaneamente. Freire (1996, p. 13) afirma que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Isso é a base de um modelo de educação construtivista (Piaget, 1976), a qual compreende o estudante como central em sua própria aprendizagem. Esta, não acontece apenas dentro de um espaço de tempo escolar/anual determinado, mas em níveis de desenvolvimento individuais, ou seja, cada pessoa em seu tempo e com maior ênfase nas próprias aptidões individuais.

Como já descrito, o público de estudantes deste estágio foi composto de faixa etária diversa. Esse é um forte motivo para considerar os diferentes níveis de desenvolvimento. Vale ressaltar que num modelo pedagógico construtivista (recomendado), considerar os diferentes níveis de aprendizagem, ainda que os estudantes estejam na mesma faixa etária, é primordial. Em suma, as aulas foram desenvolvidas por meio de explicações teóricas e suas respectivas práticas, contemplando o conhecimento anatômico respiratório e fonatório para preparação vocal com relaxamentos, alongamentos, aquecimento, respiração adequada, solfejos, aquecimento vocal com escalas, exercícios rítmicos e práticas de canto (Med, 1996; Estienne,

2004). Já que o objeto principal de ensino/estudo musical no estágio I foi o ensino musical focado no canto e, o instrumento musical dos cantores é o corpo, também houve uma reflexão massiva sobre a utilização do corpo no ensino de música (Mateiro; Ilari, 2012; Meurer; Figueiredo, 2022.), seguida de práticas de preparação corporal, vocal, e estudo rítmico (Estienne, 2004; Ciavatta, 2016.). O repertório foi selecionado com vistas às músicas cotidianas da igreja católica.

As aulas ocorreram majoritariamente aos domingos, dia ideal segundo a catequista e supervisora do estágio. O cronograma original precisou ser alterado devido às mudanças de programação da própria instituição, mas não atrapalhou o período de realização que o estágio deveria ocorrer. Apenas o último encontro precisou ser remanejado para a terça (após o terço das crianças) para que as atividades do estágio fossem finalizadas dentro do prazo determinado pelo professor da disciplina na universidade. Tal adequação ocorreu conforme descrito abaixo:

Quadro 1: Cronograma e descrição das aulas

Data	Resumo
1ª aula: 30/04/2023	Relaxamento, alongamento, aquecimento vocal na escala de Dó. Música em Dó, canto de entrada, “Te amarei Senhor”.
2ª aula: 07/05/2023	Foco no ritmo, andamento, metrônomo, preparação vocal básica. Músicas ensaiadas com acompanhamento de violão, palmas ou à <i>capella</i> . Músicas em Dó, canto de entrada e ato penitencial “Piedade de nós”.
3ª aula: 21/05/2023	Técnicas vocais (boca chiusa, cara de louco, higiene vocal). Músicas em Dó, canto de entrada, ato penitencial e glória “Hosana”.
4ª aula: 27/05/2023	Aparelho respiratório e fonatório e o bom uso deles para o canto. Cavidades de ressonância, articuladores vogais e consoantes. Ensaio para a coroação da santa (31 de maio).
5ª aula: 04/06/2023	Preparação corporal e vocal. Ensaio das músicas já trabalhadas em Dó e música em Lá, aclamação do evangelho, “É como a chuva que lava”. Dinâmica rítmica e outra com copos e flauta - Música - Escravos de Jó. Presença do

6ª aula: 11/06/2023	tutor do estágio, Sérgio. Preparação usual. Novos cantos, da paz “Paz de Cristo”, ofertório “Venho, Senhor, Oferecer” e canto final “A chave do coração”, em tons diversos. Dinâmica rítmica.
7ª aula: 18/06/2023	Preparação corporal e vocal usual. Novo ensaio do canto final e inserção do “Pai Nosso” cantado e canto de comunhão “Estás entre nós” em tons diversos. Ensaio com uso de microfones e caixa de som. Exercício com método “O Passo”.
8ª aula: 20/06/2023	Preparação corporal e vocal usual. Ensaio do repertório completo com uso revezado de microfones e caixa de som.

Fonte: Silva, 2023.

Avaliação

Fazendo um balanço do aproveitamento das aulas do estágio, o número de estudantes diminuiu um pouco desde o início do curso, de 15 para 10 estudantes que compareceram assiduamente ao curso, evoluindo a cada encontro. Os estudantes não tinham noções de andamento, ritmo, afinação, sincronismo entre o grupo, pausas de silêncio, e agora eles têm estas noções musicais após as aulas semanais durante dois meses.

Percebi, através dos relatos e dos olhos brilhantes, que os estudantes têm o anseio de continuar aprendendo música. As crianças, especificamente, são bastante tímidas, mas hoje se sentem mais à vontade para cantar utilizando o microfone. Elas ficaram encantadas também com o violão, nos momentos em que usei para acompanhar as canções. Caso seja possível realizar o segundo módulo deste curso, a supervisora e eu, convidamos mais pessoas da comunidade, que sabemos que são iniciantes na aprendizagem de violão, mas, que não estiveram na igreja nos últimos tempos, por isso não souberam do convite para as aulas do módulo

I.

Devido às diversas atividades que comprometem minha rotina, considero que em minha própria trajetória de aprendizagem musical não desenvolvi muito a prática de violão.

No entanto, na necessidade de dar o apoio necessário para o bom desenvolvimento das atividades do estágio, durante sua realização estive aprendendo a tocar as músicas trabalhadas nas aulas apenas de ouvido, relacionando estas práticas com estudos das disciplinas de “violão”, “teoria e percepção musical” e “harmonia e análise musical” presentes na licenciatura em música da UERN. Ou seja, não consultei nenhuma cifra para tocar as músicas do repertório da igreja. Isso já me deixou feliz por perceber meu próprio desenvolvimento enquanto estudante de música.

Com relação às práticas de ensino no estágio I, avalio que minha experiência docente na educação básica me deu um pouco de domínio de sala de aula. No entanto, desta vez trata-se de ensino de música, uma área que ainda me sinto muito iniciante, mas as práticas de ensino em si nos ensinam. A cada aula me sentia uma professora de música um pouco melhor. Para todos os encontros planejei revisar um pouco do que foi praticado em aulas anteriores e executar também algo novo, para reforçar o ensino-aprendizagem e avançar nos níveis de aprendizagem musical, gradativamente, atuando na ZDP dos alunos e ampliando a ZDR (Vygotsky, 1996). Em todos os encontros, estive atenta ao desenvolvimento dos estudantes, na tentativa de perceber o que era preciso reforçar e qual o momento certo de aumentar os níveis de dificuldade das práticas. Eu acredito que essa observação, no intuito de fazer diagnósticos contínuos da aprendizagem, ou seja, realmente avaliando a aprendizagem deles (Luckesi, 2002), me ajudaram a direcionar práticas relevantes para o avanço dos alunos.

Algo que facilitou a avaliação da aprendizagem musical dos estudantes foi o fato das aulas não terem sido obrigatórias como no contexto escolar e, portanto, não incluíram a avaliação somativa. Assim, pude estar atenta ao diagnóstico contínuo do avanço (ou não) das aprendizagens dos alunos para, a partir disso, tomar decisões e atitudes que facilitassem o entendimento e a prática musical de cada aluno, de modo a avaliá-los apenas diagnóstica e formativamente, no intuito de impulsionar a aprendizagem musical almejada.

Considerações

O local do Estágio I, a Capela de São José Operário, fica na cidade que mais produz sal no Brasil, Macau-RN, uma cidade pequena, de clima semiárido e com 27.369 habitantes, segundo o último censo do IBGE (2022). Nasci e cresci nessa comunidade e nessa igreja. Hoje

moro na comunidade vizinha, a Cohab, que também tem uma igreja católica, de Nossa Senhora de Fátima, e que tem ainda mais frequentadores. Porém, optei pela comunidade da Alcanorte porque conheço a realidade de lá, a dificuldade de acesso à educação e, por isso, a relevância das aulas de música para estas pessoas.

Apenas uma das estudantes tinha acesso ao ensino de música na escola formal. Nas missas, terço das crianças e demais celebrações da capela, sempre existem os cânticos religiosos. Mas para a grande maioria dos estudantes, esta foi a primeira oportunidade de aprender música de forma consciente e orientada. No início das aulas, tudo era novidade. A preparação vocal, a respiração proposital, alguns termos como compasso, andamento, tempo forte da música, o significado real de ritmo, as figuras rítmicas, e a aprendizagem de música em si.

Em pouco tempo, os alunos já estavam assimilando as técnicas vocais e colocando-as em prática no canto. Tentamos corrigir vícios das práticas musicais informais. Com isso, a afinação melhorou significativamente, mas ainda há muito o que desenvolver nas aulas de canto. Aspectos rítmicos foram os mais beneficiados nas aulas do estágio I. Hoje, todos os alunos compreendem que a música também é feita de silêncios que compõem um ritmo que sempre está acontecendo, com ou sem acompanhamento.

Avaliar que houve assimilação das aulas de música e, portanto, aprendizagem musical, me trás a sensação de uma etapa cumprida e a noção de que as aulas do estágio I foram um componente importante também para o meu processo formativo enquanto professora de música. As ricas aulas que temos na licenciatura em música da UERN são parte importante da formação docente, mas seriam insuficientes se não fossem as práticas de ensino que para nós, estudantes e futuros professores de música, são práticas de ensino/aprendizagem.

Mesmo já ensinando inglês no ensino básico há nove anos, não me sentia ainda preparada para ministrar aulas de música. As primeiras aulas do estágio I vieram acompanhadas de insônia no dia anterior. Porém, a prática de ensino (aliada à parte teórica que estudamos na universidade) traz um senso de preparo e maior tranquilidade para as aulas posteriores. Concluo a primeira das quatro experiências de estágio dentro do curso, com a sensação de ser uma professora de música iniciante um pouco mais preparada, mas não pronta. Inclusive, até hoje não me sinto uma professora de inglês pronta. Pronto é estar



“inteiramente feito ou construído; terminado”. Numa sociedade que está sempre em transformação, o professor não deve se acomodar a ensinar sempre a mesma coisa da mesma forma ou ter um planejamento pronto. É esperado que continue estudando e aprendendo para ensinar cada vez melhor, e que mude os métodos e abordagens de acordo com as subjetividades de cada estudante e demais variáveis que permeiam as práticas de ensino. O professor se faz em seu fazer pedagógico reflexivo. O ensino planejado e executado com base em reflexões contínuas é o que traz aprendizagens significativas, especialmente quando o professor contempla em sua pedagogia preceitos humanistas que visem diminuir as injustiças político/sociais sofridas pelos seus aprendizes.

Referências

BEINEKE, Viviane. Música, jogo e poesia na educação musical escolar. *Música na Educação Básica*. Porto Alegre, v. 3, n. 3, setembro de 2011.

BRASIL. Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996... para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. *Diário Oficial da União*, Brasília, ano CXLV, n. 159, seção 1, p. 1, 19 ago. 2008. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11769.htm>. Acesso em 27 jun. 2023.

BRASIL. Lei nº 12.960, de 27 de março de 2014. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996... para dispor sobre o fechamento de escolas do campo, indígenas e quilombolas. *Diário Oficial da União*, Brasília, 2014.

CIAVATTA, Lucas, FERREIRA, Daniela, SANTOS, João.: O Passo – corpo e mente no mesmo andamento. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (Org.). *Pedagogias brasileiras em educação musical*. Curitiba: InterSaber, 2016. p. 207-230.

ESTIENNE, Françoise. *Voz falada, voz cantada: avaliação e terapia*. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2005.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Brasileiro de 2022*. Macau: IBGE, 2022. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/macau/panorama>>. Acesso em 16/07/2023.



IGLESIAS, Francisco. Área de expansão urbana - caso Macau. Parecer técnico. Natal, 03 de novembro de 2021.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MACAU. Lei complementar Nº 05/2011, de 22 de dezembro de 2011. Dispõe sobre o Plano Diretor Participativo do Município e dá outras providências. Macau, RN: Gabinete do Prefeito, 2011.

MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz. (Org.) Pedagogias em educação musical [livro eletrônico] / – Curitiba: InterSaberes, 2012. – (Série Educação Musical).

MED, Bohumi. Teoria da música. 4 ed.rev. e ampl. Brasília, DF: Musimed, 1996.

MEURER. Rafael, Prim; FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. O corpo no ensino de canto: uma discussão a partir de cinco artigos brasileiros. XXXII Congresso da ANPPOM, Natal, V. 32, 2022.

MOREIRA, M. A. Teorias de Aprendizagens. São Paulo: EPU, 1995.

PENNA, Maura. Música(s) e seu ensino. 2. ed. rev. ampl. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PIAGET, Jean. To Understand is to Invent: The Future of Education. Edition, reprint; Publisher, Penguin Books, 1976.

PRONTO. In: OXFORD LANGUAGES, Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>>. Acesso em 16/07/2023.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

